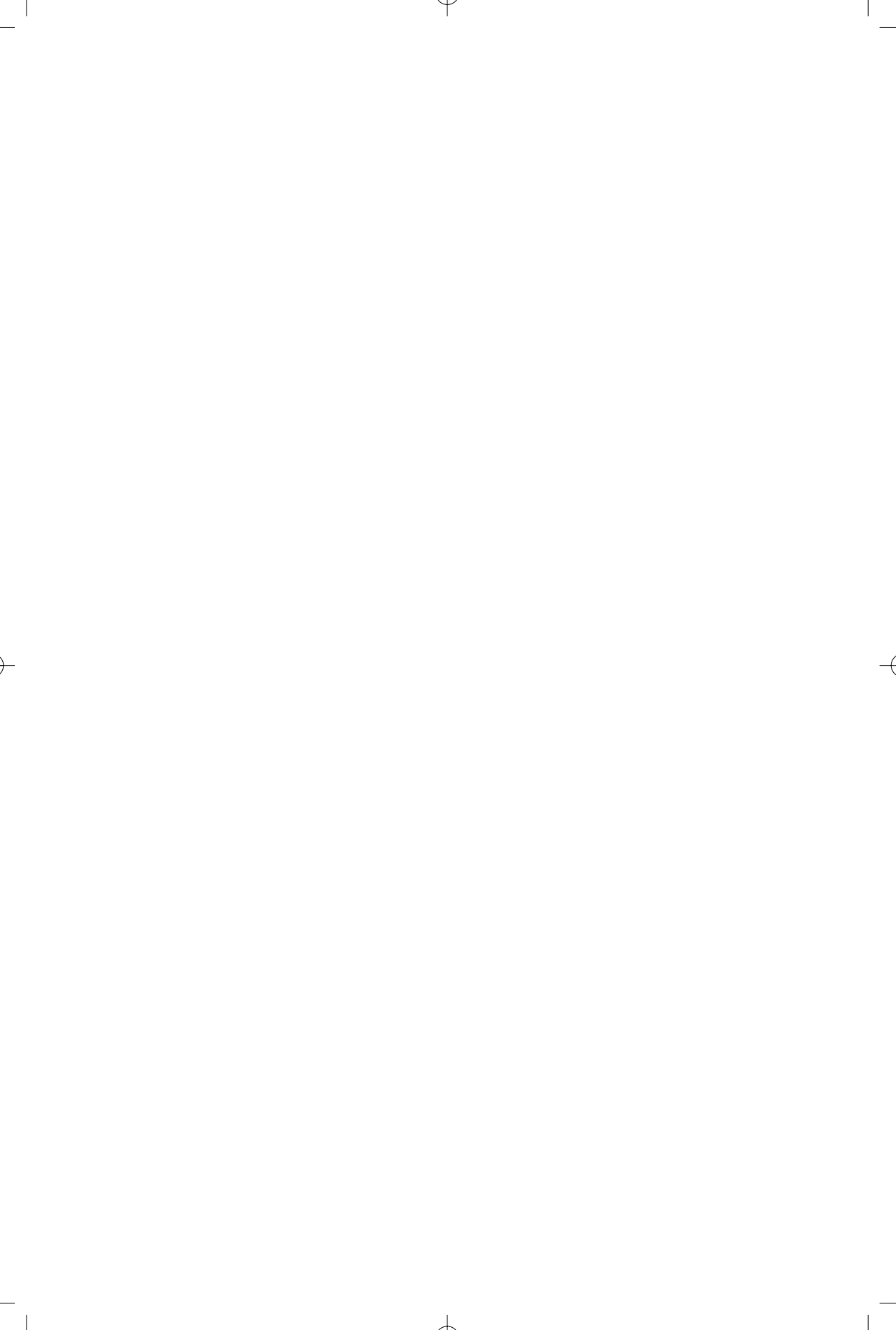


PRIMEIRA PARTE
AS CARTAS PERDIDAS



1

Em Fevereiro, 1948, o dirigente comunista Klement Gottwald subiu à varanda de um palácio barroco de Praga para falar às centenas de milhares de cidadãos aglomerados na praça da Cidade Velha. Foi uma grande viragem na história da Boémia. Um momento fatídico, como acontece uma ou duas vezes por milénio.

Gottwald fazia-se acompanhar pelos camaradas, e ao lado, muito perto, estava Clementis. Nevava, estava muito frio, e Gottwald vinha de cabeça descoberta. Clementis, muito solícito, tirou o gorro de pele que trazia e colocou-o na cabeça de Gottwald.

A secção de propaganda fez centenas de milhares de exemplares da fotografia da varanda de onde Gottwald, de gorro de pele e rodeado pelos camaradas, fala ao povo. Nesta varanda começou a História da Boémia comunista. Todas as crianças conheciam a fotografia, porque a tinham visto nos cartazes, nos manuais ou nos museus.

Quatro anos mais tarde, Clementis foi acusado de traição e enforcado. A secção de propaganda fê-lo desaparecer imediatamente da História e, como é evidente, de todas as fotografias. A partir daí, Gottwald está sozinho na varanda. Onde ficava Clementis há apenas a parede vazia do palácio. De Clementis restou o gorro de pele na cabeça de Gottwald.

2

Estamos em 1971, e Mirek diz: a luta do homem contra o poder e a luta da memória contra o esquecimento.

Quer justificar deste modo aquilo a que os seus amigos chamam

imprudência: mantém cuidadosamente o diário, conserva a correspondência, redige minutas de todas as reuniões em que debatem a situação e se perguntam como continuar. Explica-lhes: eles não fazem nada que seja contrário à Constituição. Esconderem-se e sentirem-se culpados seria o princípio da derrota.

Há uma semana, enquanto trabalhava com a sua equipa de operários de construção no telhado de um edifício em obras, olhou para baixo e sentiu uma vertigem. Perdeu o equilíbrio, agarrou-se a uma trave mal consolidada que se desprendeu; foi preciso retirá-lo debaixo dela. À primeira vista, o ferimento parecia grave, mas um pouco mais tarde, quando verificou que se tratava apenas de uma banal fractura do antebraço, disse para consigo, com satisfação, que ia ter algumas semanas de licença e finalmente poderia resolver assuntos de que não se ocupara até ali por falta de tempo.

Em todo o caso, acabou por se conformar com a opinião dos amigos mais prudentes. A Constituição, de facto, garante a liberdade de expressão, mas as leis punem tudo o que possa ser considerado atentado à segurança do Estado. Nunca se sabe quando o Estado vai começar a gritar que esta ou aquela palavra é um atentado à sua segurança. Decidiu, por isso, levar os escritos comprometedores para lugar seguro.

Mas, primeiro, quer resolver aquele assunto com Zdena, Telefonou-lhe para a cidade onde ela vive, mas não a encontrou. Perdeu assim quatro dias. Só ontem é que acabou por conseguir falar-lhe. Ela prometeu esperá-lo esta tarde.

O filho de Mirek, que tem dezassete anos, protestou: Mirek não podia conduzir com um braço engessado. E era verdade que tinha dificuldade em conduzir. O braço ferido balouçava no lenço diante do seu peito, impotente e inútil. Para meter as mudanças, Mirek tinha de largar o volante.

3

Tivera uma ligação com Zdena há vinte e cinco anos e desse período restavam-lhe apenas algumas recordações.

Num dos seus encontros, ela limpava os olhos com um lenço e fungava. Ele perguntou-lhe o que é que ela tinha. Ela explicou-lhe

que um homem do Estado russo morrera na véspera. Um tal Jdanov, Arbousov ou Masturbov. A avaliar pela abundância das gotas lacrimais, a morte de Masturbov tinha-a comovido mais do que a morte do próprio pai.

É realmente possível que isto tenha acontecido? Não terá sido apenas o seu ódio de hoje a inventar o choro causado pela morte de Masturbov? Não, aquilo aconteceu com certeza. Mas é evidentemente verdade que as circunstâncias imediatas que tornaram aquelas lágrimas plausíveis e reais lhe escapavam agora, tornando assim inverosímil, como uma caricatura, a recordação.

Todas as recordações que tinha dela eram assim: voltavam juntos, no eléctrico, do apartamento em que tinham feito amor pela primeira vez. (Mirek verificava com particular satisfação que esquecerera completamente os coitos, e que deles era incapaz de evocar o mais breve instante.) Ela estava sentada a um canto do banco, o eléctrico andava aos solavancos, e ela tinha um rosto entediado, fechado, espantosamente velho. Quando ele lhe perguntou porque estava tão taciturna, descobriu que não estava satisfeita com a maneira como se tinham amado. Dizia que ele tinha feito amor como um intelectual.

A palavra intelectual, no calão político da época, era um insulto. Designava um homem que não compreende a vida e que está separado do povo. Todos os comunistas enforcados nesses tempos por outros comunistas foram gratificados com esta injúria. Ao contrário dos que tinham os pés solidamente assentes na terra, eles planavam, dizia-se, algures no espaço. Por isso era justo, em certo sentido, que, por castigo, a terra lhes fosse definitivamente recusada aos pés, e que ficassem suspensos um pouco acima do solo.

Mas o que queria dizer Zdena quando o acusava de fazer amor como um intelectual?

Por qualquer razão, estava descontente com ele, e, tal como era capaz de impregnar a relação mais irreal (a relação com Masturbov, que não conhecia) do sentimento mais concreto (materializado numa lágrima), também sabia dar ao mais concreto dos actos um significado abstracto, e à sua insatisfação, um nome político.

Olha para o retrovisor e percebe que um automóvel de turismo, sempre o mesmo, está atrás dele. Nunca duvidou que o seguiam, mas até agora eles tinha sido de uma discrição exemplar. Hoje, a mudança foi radical: querem que se aperceba da sua presença.

Em pleno campo, a cerca de vinte quilómetros de Praga, há um grande tapume, e, por trás, uma estação de serviço com oficinas de reparação. Tem um amigo que trabalha ali, e quer mudar o motor de arranque, que não está bom. Pára o automóvel em frente da entrada, tapada por uma barreira às riscas, pintada de vermelho e branco. Ao lado, estava uma mulher gorda, de pé. Mirek esperou que ela levantasse a barreira; mas ela limitou-se a olhá-lo longamente, sem se mexer. Ele buzinou, em vão. Passou a cabeça pela janela aberta. — Ainda não o prenderam? — perguntou a mulher.

— Não, ainda não me prenderam — respondeu Mirek. — Importa-se de levantar a barreira?

Ela fixou-o novamente, durante longos segundos, com um ar ausente, depois bocejou e voltou à guarita. Instalou-se atrás de uma mesa e não o olhou mais.

Por isso, ele saiu do automóvel, deu a volta à barreira, e dirigiu-se à oficina em busca do mecânico que conhecia. Voltaram juntos, e o mecânico levantou a barreira (a mulher gorda continuava sentada na guarita com o mesmo olhar ausente) para Mirek poder entrar no pátio com o carro.

— Estás a ver, é por apareceres tantas vezes na televisão — diz o mecânico. — Mulheres deste tipo reconhecem-te todas.

— Quem é? — perguntou Mirek.

Ficou a saber que a invasão da Boémia pelo Exército russo, que tinha ocupado o país e exercia a sua influência em todo o lado, fora para ela o sinal de uma vida fora do comum. Via que pessoas colocadas em posição superior à sua (e toda a gente estava colocada em posição superior à sua) eram, à mais leve acusação, privadas do poder, da posição, do emprego e do pão, e isso excitava-a; tinha começado também a denunciar.

— E como é possível que continue a ser guarda? Ainda não foi promovida?

O mecânico sorri: — Ela nem sabe contar até dez. Eles não conseguem arranjar-lhe outro lugar. Só podem garantir-lhe o seu direito à denúncia. E, para ela, a promoção é isso!

Levantou a capota e olhou para o motor.

De repente, Mirek reparou que estava um homem ao seu lado. Voltou-se: o homem vestia um casaco cinzento, uma camisa branca com uma gravata e umas calças castanhas. Por cima do pescoço largo e da cara inchada ondulava a cabeleira cinzenta, frisada com ferro. De pé, observava o mecânico curvado sob a capota levantada.

Pouco depois, o mecânico sentiu também a sua presença, endireitou-se e perguntou: — Procura alguém?

O homem de pescoço largo e cara inchada respondeu: — Não. Não procuro ninguém.

O mecânico debruçou-se novamente sobre o motor e disse: — Na Praça S. Venceslau, em Praga, está um tipo a vomitar. Outro tipo passa por ele, olha-o tristemente e abana a cabeça: se soubesse como o compreendo...

5

O assassinio de Allende bem depressa se sobrepôs à memória da invasão da Boémia pelos Russos, o massacre sangrento do Bangladesh fez esquecer Allende, a guerra no deserto do Sinai cobriu com o seu imenso barulho as queixas do Bangladesh, os massacres do Camboja fizeram esquecer o Sinai, e assim sucessivamente, e assim sucessivamente e assim sucessivamente, até ao esquecimento completo de tudo por todos.

Numa época em que a História ainda caminhava lentamente, os acontecimentos, pouco numerosos, com facilidade se inscreviam na memória e teciam um pano de fundo que todos conheciam, frente ao qual a vida privada desenvolvia o cativante espectáculo das suas aventuras. Hoje, o tempo avança a passos largos. O acontecimento histórico, que se esquece numa noite, cintila na manhã seguinte com o orvalho da novidade e por isso já não é um pano de fundo na história do narrador, mas uma surpreendente *aventura* que se representa no segundo plano da familiar banalidade da vida privada.

Não há um único acontecimento histórico que se possa supor conhecido por todos, e é preciso que eu fale de acontecimentos que se passaram há alguns anos como se tivessem decorrido mil: em 1939, o Exército alemão entrou na Boémia e o Estado dos Checos deixou de existir. Em 1945, o Exército russo entrou na Boémia e o país voltou a chamar-se república independente. As pessoas estavam entusiasmadas com a Rússia, que expulsara os Alemães, e como viam no Partido Comunista checo o seu braço fiel, para ele transferiram as suas simpatias. O que fez com que os comunistas tomassem o poder em Fevereiro de 1948 sem sangue nem violência, e saudados pelo alegre clamor de quase metade da nação. E agora, reparem: essa metade, que lançava gritos de alegria, era mais dinâmica, mais inteligente, melhor.

Sim, diga-se o que se disser, os comunistas eram mais inteligentes. Tinham um programa grandioso. O plano de um mundo completamente novo em que todos teriam lugar. Os que eram contra eles não tinham grandes sonhos, apenas alguns princípios morais usados e fastidiosos, que pretendiam usar para remendar os calções rotos da ordem estabelecida. Não é, portanto, surpreendente que esses entusiastas, esses corajosos tenham triunfado facilmente sobre os timoratos e prudentes, e que bem depressa tenham começado a realizar o seu sonho, esse idílio de justiça para todos.

Sublinho novamente: *idílio e para todos*, porque todos os seres humanos aspiram desde sempre ao idílio, a esse jardim em que cantam os rouxinóis, a esse reino de harmonia em que o mundo não se ergue como estranho contra o homem e o homem contra os outros homens, mas em que o mundo e todos os homens estão, pelo contrário, amalgamados na mesma e única matéria. Aí, cada um é uma nota de uma sublime fuga de Bach, e aquele que não quiser sê-la permanece ponto negro inútil e privado de sentido, que basta agarrar e esmagar sob a unha como uma pulga.

Algumas pessoas perceberam imediatamente que não tinham um temperamento adequado ao idílio e quiseram partir para o estrangeiro. Mas como o idílio é por essência um mundo para todos, os que queriam emigrar revelavam-se como a negação do idílio e, em vez de irem para o estrangeiro, iam para a cadeia. Outros, aos milhares, às dezenas de milhares, depressa seguiram o mesmo caminho e, entre eles, diversos comunistas, como o ministro

dos Negócios Estrangeiros, Clementis, que tinha emprestado o gorro de pele a Gottwald. Nos ecrãs dos cinemas, apaixonados tímidos davam as mãos, o adultério era severamente reprimido pelos tribunais de honra formados por simples cidadãos, os rouxinóis cantavam e o corpo de Clementis balouçava como um sino a tocar a nova manhã da humanidade.

E nessa altura, esses seres jovens, inteligentes e radicais tiveram de repente a estranha sensação de terem largado no vasto mundo a acção, que começava a ter uma vida própria, deixava de se parecer com a ideia que eles haviam forjado sobre ela, e não se preocupava com os que a haviam gerado. Esses seres jovens e inteligentes começaram a gritar pela sua acção, começaram a chamá-la, a lamentá-la, a segui-la, a caçá-la. Se eu escrevesse um romance sobre a geração desses seres dotados e radicais, chamar-lhe-ia *A Caça à Acção Perdida*.

6

O mecânico fechou a capota e Mirek perguntou-lhe quanto devia.

— Não é nada — diz o mecânico.

Mirek senta-se ao volante e está comovido. Não tem vontade nenhuma de continuar a viagem. Preferia ficar com o mecânico e ouvir contar anedotas. O mecânico debruçou-se para o interior do carro e deu-lhe uma palmada. Depois dirigiu-se à guarita para levantar a barreira.

Quando Mirek passou por ele, mostrou com um sinal de cabeça o automóvel estacionado em frente à entrada da estação de serviço.

O homem de pescoço grosso e cabeleira ondulada estava de pé ao lado da porta aberta. Olhava para Mirek. O tipo que estava ao volante também o observava. Os dois homens fixavam-no com insolência e desfaçatez e Mirek, quando passou perto deles, tentou olhá-los com a mesma expressão.

Ultrapassou-os e viu pelo retrovisor que o tipo entrava no automóvel e dava meia-volta para poder continuar a segui-lo.

Pensou que devia ter-se separado mais cedo dos papéis comprometedores. Se o tivesse feito logo no primeiro dia de doença,

sem estar à espera de conseguir falar com Zdena ao telefone, talvez ainda tivesse sido possível levá-los sem perigo. Porém, não conseguia pensar noutra coisa a não ser na viagem para ir ver Zdena. Na verdade, pensa nisso há vários anos. Mas, nestas últimas semanas, sente que já não pode esperar muito mais tempo, porque o seu destino se aproxima a passos largos do fim, e deve fazer tudo pela sua perfeição e beleza.

7

Nesses dias longínquos em que romperia com Zdena (a ligação durara quase três anos), experimentara a sensação vertiginosa de uma imensa liberdade e, de repente, tudo começara a correr bem. Pouco depois, casara com uma mulher cuja beleza lhe dava finalmente segurança. Depois a sua bela morreria e ele ficara só com o filho, numa solidão vaidosa que lhe valia a admiração, o interesse e a solicitude de muitas outras mulheres.

Ao mesmo tempo, impunha-se no campo da investigação científica e esse êxito protegia-o. O Estado precisava dele e, por isso, podia permitir-se ser cáustico numa época em que quase ninguém ousava sê-lo. Pouco a pouco, à medida que aqueles que andavam atrás da sua ação ganhavam influência, ia aparecendo cada vez mais nos ecrãs de televisão e tornara-se uma personalidade. Depois da chegada dos Russos, na altura em que recusou renegar as suas convicções, foi despedido do trabalho e rodeado de polícias à paisana. Isso não o quebrara. Estava apaixonado pelo seu destino e até o próprio caminho para a ruína lhe parecia nobre e belo.

Entendam-me: não afirmei que estava apaixonado por si próprio, mas sim pelo seu destino. São duas coisas completamente diferentes. Como se a sua vida se emancipasse e tivesse de repente interesses próprios distintos dos de Mirek. É assim que, a meu ver, a vida se transforma em destino. O destino não tem a intenção de mexer sequer um dedo por Mirek (pela sua felicidade, pela sua segurança, pelo seu bom humor e pela sua saúde), mas Mirek está disposto a fazer tudo pelo seu destino (pela sua grandeza, transparência, beleza, pelo seu estilo e pelo seu sentido inteligível).

Sente-se responsável pelo seu destino, mas o seu destino não se sente responsável por ele.

Tinha com a sua vida a mesma relação que o escultor tem com a sua estátua, ou o romancista com o seu romance. O romancista tem um direito intangível, o de poder voltar a trabalhar o seu romance. Se o princípio não lhe agrada, pode reescrevê-lo ou suprimi-lo. Mas a existência de Zdena recusava a Mirek essa prerrogativa de autor. Zdena insistia em continuar nas primeiras páginas do romance e não se deixava apagar.

8

Mas afinal, o que o leva a sentir essa terrível vergonha?

A explicação mais fácil é esta: Mirek pertence aos que muito cedo perseguiram a própria acção, enquanto Zdena continua fiel ao jardim em que cantam os rouxinóis. Nestes últimos tempos, ela fazia parte desses dois por cento da nação que tinham acolhido com alegria a chegada dos tanques russos.

Sim, é verdade, mas não creio que esta explicação seja convincente. Se fosse só essa a razão, o facto de ela se ter alegrado com a chegada dos tanques russos, ele tê-la-ia insultado em voz alta e publicamente e não negaria que a conhecia. Zdena tornou-se culpada de uma coisa de outra gravidade: de ser feia.

Mas teria isso importância, que fosse feia, se não dormia com ela há vinte anos?

Tinha importância: mesmo de longe, o grande nariz de Zdena projectava uma sombra sobre a sua vida.

Há alguns anos, ele tinha uma amante bonita. Um dia, ela fora à cidade onde vive Zdena e voltara contrariada: «Diz-me só: como conseguiste dormir com aquele horror?»

Ele declarara que só a conhecia de vista e negou energicamente ter tido uma ligação com ela.

Porque o grande segredo da vida não lhe era desconhecido: as mulheres não procuram o homem bonito. As mulheres procuram o homem que teve mulheres bonitas. É, portanto, um erro fatal ter uma amante feia. Mirek esforçou-se por varrer todos os vestígios de Zdena e, como aqueles que gostavam de rouxinóis o odiavam

cada vez mais, esperou que Zdena, que fazia uma carreira assídua como membro permanente do partido, o esquecesse depressa e de boa vontade.

Mas enganou-se. Ela falava sempre dele, em toda a parte e em todas as ocasiões. Uma vez, por funesta coincidência, encontraram-se em sociedade, e ela apressou-se a evocar uma recordação que mostrava claramente que tinham sido muito íntimos.

Ficou furioso.

Outra vez, um dos seus amigos que a conhecia perguntou-lhe: «Se detestas tanto aquela rapariga, explica-me porque é que em tempos estiveram juntos?»

Mirek começara a explicar-lhe que nesse tempo era um rapaz estúpido de vinte anos e que ela tinha mais sete anos do que ele. Era respeitada, admirada, todo-poderosa! Conhecia toda a gente no comité central do partido! Ajudava-o, encaminhava-o, apresentava-o a pessoas influentes!

«Eu era um arrivista, meu idiota!», começara ele a gritar: «Foi por isso que me pendurei ao pescoço dela e estava-me completamente nas tintas para o facto de ser feia!»

9

Mirek não diz a verdade. Se bem que tenha chorado quando Masturbov morreu, Zdena, há vinte e cinco anos, não tinha grandes conhecimentos e não tinha qualquer meio de fazer carreira, ou de facilitar a carreira dos outros.

Então porque inventou aquilo? Porque mente?

Segura o volante com uma mão, vê o carro da polícia secreta pelo retrovisor e de repente cora. Uma recordação muito inesperada acaba de lhe vir à memória:

Quando ela lhe censurara, da primeira vez que tinham dormido juntos, as suas maneiras excessivamente intelectuais, ele quis, logo no dia seguinte, rectificar essa impressão e manifestar uma paixão espontânea, desenfreada. Não, não é verdade que tenha esquecido todos os coitos! Este, vê-o claramente: movia-se sobre ela com uma violência fingida, emitia um longo rosar, como um cão que luta com a pantufa do dono, e ao mesmo tempo observava

(com uma leve admiração) a mulher deitada por baixo dele, muito calma, silenciosa e quase impassível.

O automóvel estremeceu com esse rosnar velho de vinte e cinco anos, barulho insuportável da sua submissão e do seu zelo servil, barulho da sua solicitude e da sua complacência, do seu ridículo e da sua miséria.

Sim, é isso: Mirek proclamara-se arrivista apenas para não ser obrigado a confessar a verdade — dormiu com um estafermo porque não ousava abordar as mulheres bonitas. Aos seus olhos, não merecia mais que uma Zdena. Essa fraqueza, essa indigência, é o segredo que esconde.

O automóvel estremeceu com o rosnar frenético da paixão, e esse ruído provava-lhe que Zdena não era mais que a imagem amaldiçoada que gostava de atingir para nela destruir a sua própria juventude odiada.

Parou em frente de casa dela. O automóvel que o seguia parou atrás.

10

A maior parte do tempo, os acontecimentos históricos imitam-se uns aos outros sem talento, mas parece-me que, na Boémia, a História encenou uma situação nunca experimentada. Ali, não foi, segundo as antigas receitas, um grupo de homens (uma classe, um povo) que se ergueu contra outro, mas homens (uma geração de homens e mulheres) que se sublevaram contra a sua própria juventude.

Esforçavam-se por recuperar e dominar a sua própria acção e, por pouco, conseguiam-no. Nos anos 60, conseguiam ser cada vez mais influentes e, no princípio de 1968, a sua influência era praticamente total. É a este último período que se chama geralmente a *Primavera de Praga*: os guardas do idílio viam-se obrigados a desmontar os microfones dos apartamentos privados, as fronteiras eram abertas e as notas escapavam da grande partitura de Bach para cada uma cantar à sua maneira. Era uma alegria incrível, era o carnaval!

A Rússia, que escreve a grande fuga para todo o globo terrestre, não podia permitir que as notas se dispersassem. Em 21 de

Agosto de 1968, enviou um exército de meio milhão de homens para a Boémia. Pouco depois, cerca de cento e vinte mil checos deixaram o país, e, entre os que ficaram, cerca de quinhentos mil foram obrigados a trocar os empregos por oficinas nos confins, por longínquas fábricas, por volantes de camiões, ou seja, por lugares onde nunca mais ninguém lhes ouvirá a voz.

E para que a sombra da má recordação não distraia o país do seu idílio restaurado, é preciso que a Primavera de Praga e a chegada dos tanques russos, essa nódoa sobre uma bela História, sejam reduzidas a nada. É por isso que hoje na Boémia se silencia o aniversário do 21 de Agosto, e os nomes dos que se ergueram contra a sua própria juventude estão cuidadosamente riscados da memória do país, como um erro nos deveres de um aluno.

O nome de Mirek, também o apagaram. E embora ele suba neste momento os degraus que o vão levar à porta de Zdena, na realidade é apenas uma mancha branca, um fragmento de vazio circunscrito que sobe a espiral da escada.

11

Está sentado em frente a Zdena, o braço ao peito balança. Zdena olha de lado, evita-lhe os olhos e fala francamente.

— Não sei porque é que vieste. Mas estou contente por estares aqui. Falei com uns camaradas. Mesmo assim, é um disparate que acabes os teus dias como operário da construção. Tenho a certeza, sei, que o partido ainda não te fechou a porta. Ainda estás a tempo.

Ele pergunta-lhe o que deve fazer.

— É preciso pedir uma audiência. Tens de ser tu. Tu é que deves dar o primeiro passo.

Ele percebe. Eles fazem-lhe saber que ainda tem cinco minutos, os últimos cinco, para proclamar bem alto que renega tudo o que disse e fez. Conhece este tipo de negócio. Estão prontos a vender às pessoas um futuro em troca do passado. Vão obrigá-lo a falar na televisão com uma voz embargada para explicar ao povo que se enganava quando dizia que era contra a Rússia e contra os rouxinóis. Vão forçá-lo a atirar para longe a sua vida e a transformar-se numa sombra, num homem sem passado, num actor sem papel, e a

transformar em sombra até a sua vida rejeitada, até esse papel abandonado pelo actor. Assim metamorfoseado em sombra, vão permitir-lhe que viva.

Olha para Zdena: porque é que ela fala tão depressa e com uma voz tão pouco segura? Porque é que ela o olha de lado, porque é que ela lhe evita os olhos?

É mais do que evidente: ela armou-lhe uma cilada. Agiu segundo as instruções do partido ou da polícia. Tem a tarefa de o convencer a capitular.

12

Mas Mirek engana-se! Ninguém encarregou Zdena de negociar. Não! Hoje, já ninguém, de entre os poderosos, concederia uma audiência a Mirek, mesmo que ele implorasse. É demasiado tarde.

Se Zdena o incita a fazer alguma coisa para se salvar e se finge transmitir-lhe uma mensagem de camaradas situados nas mais altas instâncias, é só porque sente um desejo inútil e confuso de o ajudar como pode. E se fala tão depressa e lhe evita os olhos, não é por segurar nas mãos uma armadilha preparada, mas por ter as mãos completamente vazias.

Mirek alguma vez a compreendeu?

Sempre pensou que a frenética fidelidade de Zdena ao partido se devia ao fanatismo.

Não é verdade. Continuou fiel ao partido porque amava Mirek.

Quando ele a deixou, ela só desejou uma coisa, demonstrar que a fidelidade é um valor superior a todos os outros. Quis demonstrar que ele era infiel *em tudo* e que ela era, *em tudo*, fiel. Aquilo que aparecia como fanatismo político era apenas um pretexto, uma parábola, uma manifestação de fidelidade, a censura codificada de um amor desiludido.

Imagino-a, numa bela manhã de Agosto, acordada em sobressalto pelo horrível ruído dos aviões. Saíra a correr para a rua e pessoas desnorteadas disseram-lhe que o Exército russo ocupava a Boémia. Ela desatou a rir histericamente! Os tanques russos tinham vindo castigar todos os infiéis. Ia finalmente assistir à desgraça de Mirek!

Ia finalmente vê-lo de joelhos! Ia finalmente poder inclinar-se sobre ele, como quem sabe o que é a fidelidade, e ajudá-lo.

Mirek decidiu interromper brutalmente a conversa, que enveredara por mau caminho.

— Sabes que outrora te escrevi imensas cartas. Queria reavê-las.

Ela levantou a cabeça, surpreendida: — Cartas?

— Sim, as minhas cartas. Devo ter-te escrito umas cem, na altura.

— Sim, as tuas cartas, eu sei — diz, e bruscamente deixa de desviar o olhar, fixa-o de frente, nos olhos. Mirek tem a impressão desagradável que ela lhe vê o fundo da alma, que sabe exactamente o que ele quer e porquê.

— As tuas cartas, sim, as tuas cartas — repete. — Reli-as ainda há pouco tempo. Perguntei-me como pudeste ser capaz de uma tal explosão de sentimento.

E repete muitas vezes estas palavras, *explosão de sentimento*, não as pronuncia nem depressa nem com uma articulação precipitada, mas lentamente e com uma voz ponderada, como se visasse um alvo que não quer falhar, sem deixar de olhar, para ter a certeza de ter acertado.

13

O braço engessado balança-lhe diante do peito e a face torna-se-lhe purpúrea: dir-se-ia que acaba de receber uma bofetada.

Ah, sim! É verdade, as cartas eram terrivelmente sentimentais. Devia a todo o custo provar a si próprio que não eram nem a fraqueza nem a miséria que o ligavam àquela mulher, e sim, o amor! E só uma paixão verdadeiramente imensa podia justificar uma ligação com uma mulher tão feia.

— Escrevias-me que eu era a tua camarada de combate, lembra-te?

Ele cora ainda mais: como é possível? Que palavra infinitamente ridícula, essa palavra *combate*! O que era o combate deles? Assistiam a reuniões intermináveis, ficavam com bolhas nas nádegas, mas no instante em que se levantavam para emitir opiniões extremas (era preciso castigar ainda mais duramente o inimigo de classe,

formular esta ou aquela ideia em termos ainda mais categóricos), experimentavam a sensação de se parecerem com personagens de quadros heróicos: ele cai por terra, revólver em punho e ferimento a sangrar no ombro, e ela, de pistola na mão, avança para onde ele já não pode ir.

Nesse tempo, ainda tinha a pele coberta de acne juvenil, e para não se notar usava sobre a cara a máscara da revolta. Contava a toda a gente que tinha rompido para sempre com o pai, um camponês rico. Dizia que cuspi na cara da secular tradição camponesa, agarrada à terra e à propriedade. Descrevia a cena da discussão e a partida dramática do lar paterno. Em tudo isto, não havia um grama de verdade. Hoje, quando olha para trás, vê apenas lendas e mentiras.

— Nesse tempo, eras um homem diferente do que és hoje — diz Zdena.

E ele imaginou-se a levar o pacote de cartas. Pára no primeiro caixote de lixo, segura as cartas cuidadosamente entre dois dedos, como se fosse papel sujo de merda, e atira-as para o meio da porcaria.

14

— Para que te podiam servir as cartas? — pergunta ela. — Afinal porque é que as queres?

Não podia dizer-lhe que as queria deitar para o caixote do lixo. Fez portanto uma voz melancólica e começou a contar-lhe que estava na idade em que se olha para trás.

(Sentia-se pouco à vontade ao dizer isto, tinha a impressão de que o seu conto de fadas não era convincente, e tinha vergonha.)

Sim, olha para trás, porque hoje esqueceu o que fora quando era jovem. Sabe que falhou. É por isso que queria saber de onde partira, para perceber em que ponto errara. É por isso que quer voltar à correspondência com Zdena, para nela reencontrar o segredo da sua juventude, dos seus começos e das suas raízes.

Ela abanou a cabeça: — Nunca te darei as cartas.

Ele mentiu: — Só as queria emprestadas.

Ela abanou novamente a cabeça.

Ele imaginou que algures, naquele apartamento, estavam as suas cartas, que ela podia a todo o momento dar a ler a qualquer pessoa. Achava insuportável que uma parte da sua vida ficasse nas mãos de Zdena, e apetecia-lhe atirar-lhe à cabeça o grande cinzeiro de vidro que estava pousado entre eles, na mesa baixa, e levar as cartas. Em vez disso, recomeçou a explicar que olhava para trás e que queria saber de onde partira.

Ela levantou os olhos e fê-lo calar-se com um olhar: — Nunca te darei as cartas. Nunca.

15

Quando saíram juntos do prédio de Zdena, os dois automóveis estavam estacionados um diante do outro, em frente da porta. Os polícias andavam para trás e para diante no passeio do outro lado. Mas, nesse momento, pararam e olharam-nos.

Ele apontou-os: — Aqueles dois senhores seguiram-me durante todo o caminho.

— A sério? — disse ela, incrédula, com uma ironia forçada. — Todos te perseguem?

Como pode ser tão cínica e dizer-lhe na cara que os dois homens que os examinam ostensiva e insolentemente são apenas transeuntes ocasionais?

Só há uma explicação. Ela joga o jogo deles. O jogo que consiste em fazer de conta que a polícia secreta não existe e que ninguém é perseguido.

Neste espaço de tempo, os polícias atravessaram a rua e, sob o olhar de Mirek e de Zdena, entraram no automóvel.

— Passa bem — disse Mirek, e nem sequer olhou para ela. Sentou-se ao volante. Via pelo retrovisor o automóvel dos polícias que acabava de arrancar atrás dele. Não via Zdena. Não queria vê-la. Nunca mais a queria ver.

Por isso, não soube que ela ficou no passeio e que durante muito tempo o seguiu com o olhar. Tinha um ar assustado.

Não, não era cinismo da parte de Zdena recusar-se a ver polícias nos dois homens que andavam para trás e para diante no

passeio em frente. Ficava em pânico perante coisas que a ultrapassavam. Quisera esconder-lhe a verdade, e também a si mesma.

16

Um automóvel desportivo vermelho conduzido por um motorista desenfreado surgiu, de repente, entre Mirek e os polícias. Ele carregou no acelerador. Entravam numa povoação. A estrada curvava. Mirek compreendeu que nesse instante os perseguidores não o podiam ver e entrou para uma rua pequena. Os travões chiaram e um rapazinho que se preparava para atravessar a rua só teve tempo de se atirar para trás. Mirek viu pelo retrovisor o automóvel vermelho que seguia rapidamente pela estrada principal. Mas o automóvel dos perseguidores ainda não tinha passado. No momento seguinte conseguiu virar noutra rua e desaparecer definitivamente do campo visual dos polícias.

Saiu da cidade por uma estrada que seguia uma direcção completamente diferente. Olhou para o retrovisor. Ninguém o perseguia, a estrada estava vazia.

Imaginou os infelizes polícias que o procuravam e que tinham medo de ser repreendidos pelo superior. Desatou a rir. Abrandou a velocidade e pôs-se a olhar a paisagem. Na verdade, nunca tinha olhado a paisagem. Guiava sempre com um objectivo, para resolver uma coisa ou discutir outra, de forma que o espaço do mundo se lhe tornara algo de negativo, uma perda de tempo, um obstáculo que lhe entravava a actividade.

A certa distância, na sua frente, duas barreiras às riscas vermelhas e brancas baixam lentamente. Pára.

De repente, sente-se infinitamente cansado. Por que razão a foi ver? Porque é que quis reaver essas cartas?

Sente-se assaltado por tudo o que há de absurdo, de ridículo, de pueril na sua viagem. Não foi um raciocínio ou um cálculo o que o conduziu até ela, mas um desejo insuportável. O desejo de estender o braço muito longe, dentro do seu passado, e de o esmurrar. O desejo de esfaquear o quadro da sua juventude. Um desejo apaixonado que não pôde dominar e que continuará insatisfeito.

Sente-se extremamente fatigado. Agora com certeza que já não vai poder retirar do apartamento os papéis comprometedores. Os polícias estão-lhe no encalço e já não o largam mais. É demasiado tarde. Sim, é demasiado tarde para tudo.

Ouviu ao longe o arfar de um comboio. Em frente da casa do guarda-barreira havia uma mulher com um lenço vermelho na cabeça. Chegou o comboio, era um lento comboio-correio; um honrado camponês de cachimbo inclinou-se de uma janela e cuspiu. Depois ouviu uma campainha e a mulher de lenço vermelho deu uns passos em direcção à passagem de nível e rodou uma manivela. As barreiras começaram a subir e Mirek arrancou. Entrou numa aldeia que não era mais do que uma longa rua interminável com a estação ao fundo: uma pequena casa baixa e branca com uma vedação em madeira através da qual se viam o cais e os carris.

17

As janelas da estação estão ornamentadas com vasos de flores em que crescem begónias. Mirek parou o carro. Está sentado ao volante e contempla a casa, a janela e as flores vermelhas. De um tempo há muito esquecido, regressa-lhe a imagem de outra casa pintada de branco, na qual, sobre os parapeitos das janelas, avermelhavam pétalas de begónia. É um pequeno hotel numa aldeia de montanha e são as férias de Verão. À janela, entre as flores, apareceu um grande nariz. Mirek tem vinte anos; ergue os olhos para esse nariz e sente um amor imenso.

Quis carregar depressa no acelerador para escapar à recordação. Mas desta vez não vou deixar-me enganar e invoco a recordação para que permaneça por um instante. Repito, portanto: à janela, entre as begónias, está a cara de Zdena com um nariz gigantesco e Mirek sente um amor imenso.

É possível?

Sim. E porque não? Um rapaz fraco não pode sentir um verdadeiro amor por uma rapariga feia?

Ele contava-lhe que se revoltara contra o pai reaccionário, ela vituperava os intelectuais, tinham bolhas nas nádegas e davam-se as

mãos. Iam às reuniões, denunciavam os concidadãos, mentiam e amavam-se. Ela chorava por causa da morte de Masturbov, ele rosnavava como um cão sobre o corpo dela e não podiam viver um sem o outro.

Se quisera apagá-la das fotografias da sua vida, não era por não a amar, mas por a ter amado. Apagara-a, a ela e ao amor, raspava-lhe a imagem até a fazer desaparecer como a secção de propaganda do partido fizera desaparecer Clementis da varanda em que Gottwald pronunciara o seu discurso histórico. Mirek reescreve a História exactamente como o Partido Comunista, como todos os partidos políticos, como todos os povos, como o Homem. Proclama-se que se quer construir um futuro melhor, mas não é verdade. O futuro é só um vazio indiferente que não interessa a ninguém, mas o passado está cheio de vida e o seu rosto irrita, revolta, fere, a ponto de querermos destruí-lo ou voltar a pintá-lo. Só se quer ser senhor do futuro para poder mudar o passado. Luta-se para ter acesso aos laboratórios em que é possível retocar as fotografias e reescrever as biografias e a História.

Quanto tempo ficou em frente desta estação?

E que significava esta paragem?

Não significava nada.

Riscou-a imediatamente do pensamento e, por isso, neste momento já não sabe mais nada da pequena casa branca que tinha begónias. Começou novamente a conduzir a grande velocidade sem olhar a paisagem. O espaço do mundo era novamente apenas um obstáculo que lhe retardava a acção.

O automóvel que conseguira despistar estava parado em frente da sua casa. Os dois homens estavam um pouco mais longe.

Estacionou atrás do automóvel deles e saiu. Sorriram quase alegremente, como se a escapadela não passasse de uma traquinice que a todos divertira muito. Quando passou em frente deles, o homem do pescoço largo e cabelos frisados com ferro começou a rir e fez-lhe um sinal com a cabeça. Mirek sentiu-se invadido pela angústia

perante esta familiaridade, que significava que agora iam estar ainda mais intimamente ligados.

Sem pestanejar, Mirek entrou em casa. Abriu a porta do apartamento com a chave. Viu primeiro o filho, e o seu olhar cheio de emoção contida. Um desconhecido de óculos aproximou-se de Mirek e declinou a identidade: — Quer ver o mandado de busca do procurador?

— Sim — disse Mirek.

No apartamento, havia outros dois desconhecidos. Um estava de pé em frente à mesa de trabalho onde se acumulavam pilhas de papéis, de cadernos e de livros. Pegava nos objectos, um após outro. Um segundo homem, sentado em frente da secretária, escrevia o que lhe ditava o primeiro.

O homem de óculos tirou um papel dobrado do bolso do peito e estendeu-o a Mirek: — Olhe, está aqui o mandado do procurador e ali — aponta os dois homens — estão a fazer a lista dos objectos confiscados.

No chão havia muitos papéis e livros espalhados, as portas dos armários estavam abertas, os móveis afastados das paredes.

O filho curvou-se para Mirek e disse: — Eles chegaram cinco minutos depois de teres saído.

Em frente da mesa de trabalho, os dois homens faziam a lista dos objectos confiscados: cartas de amigos de Mirek, documentos dos primeiros dias da ocupação russa, análises da situação política, actas de reuniões e alguns livros.

— Não tem lá muita consideração pelos seus amigos — disse o homem de óculos. Com um movimento de cabeça, apontou os objectos confiscados.

— Não há aí nada que seja contrário à Constituição — disse o filho, e Mirek sabia que aquelas eram as suas próprias palavras, as palavras de Mirek.

O homem de óculos respondeu que era da competência do tribunal decidir o que era ou não contrário à Constituição.

Os que emigraram (são cento e vinte mil), os que foram reduzidos ao silêncio e afastados do trabalho (são cerca de meio milhão), desaparecem como um cortejo que se afasta no nevoeiro, invisíveis e esquecidos.

Mas a prisão, ainda que rodeada de muros por todos os lados, é uma cena da História esplendidamente iluminada.

Mirek sabe-o há muito tempo. Durante todo este último ano, a ideia da prisão atraiu-o irresistivelmente. Foi com certeza assim que Flaubert fora atraído pelo suicídio de Mme Bovary. Não, Mirek não podia imaginar um fim melhor para o romance da sua vida.

Queriam apagar da memória centenas de milhares de vidas para que restasse apenas o tempo imaculado do idílio imaculado. Mas Mirek vai pousar sobre este idílio com o corpo todo, como uma mancha. E vai lá continuar tal como o gorro de Clementis continuou sobre a cabeça de Gottwald.

Obrigaram Mirek a assinar a lista dos objectos confiscados e depois convidaram-no a segui-los, acompanhado pelo filho. Ao fim de um ano de detenção preventiva, foi julgado. Mirek foi condenado a seis anos, o filho, a dois anos, e uma dezena de amigos seus a penas que iam de um a seis anos de prisão.